

## LÚCIA GUIMARÃES

lucia.guimaraes@estadao.com

SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃES  
VANESSA BARBARATERÇA-FEIRA  
HUMBERTO WERNECKQUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMOSEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOMSÁBADO  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO  
VERISSIMO  
FÁBIO PORCHAT

## Régua e compasso

O melhor argumento pela eleição de uma mulher à presidência dos Estados Unidos foi fornecido, na quinta passada, pelo homem com mais chances de impedir que isto aconteça. “Ele se referiu às minhas mãos,” rosnou Donald Trump para Marco Rubio, levantando as palmas abertas para a câmera. “E, se elas são pequenas, algo mais deve ser pequeno. Garanto a vocês que não há problema ali.”

Sim, caros leitores, ainda se recuperando de figuras nada presidenciais que sugerem a introdução de processos em orifícios impensáveis. O homem que pode ter o dedo no botão nuclear – e, com tanta baixaria, em São Paulo e Nova York, confirmo que me refiro estritamente ao arsenal militar norte-americano – o homem que pode começar uma guerra mundial está preocupado com os centímetros do seu arsenal. E achou boa ideia tranquilizar seus seguidores, provocando efeito inverso em todo o resto da população.

Uma discussão ovo e galinha irrompeu em fevereiro, quando duas proeminentes mulheres de uma certa idade criticaram as jovens que aderiram à candidatura de Bernie Sanders. A ex-Secretária de Estado Madeleine Albright disse que havia um lugar no inferno para mulheres que não se ajudam umas às outras. A lendária feminista Gloria Steinem pegou ainda mais pesado, sugerindo que as jovens iam atrás de Bernie porque “os garotos estão com ele.” Teve que se desculpar.

Mulheres de todas as idades e homens não absorvidos por suas medidas

anatômicas debateram intensamente a questão: é importante votar em Hillary Clinton porque ela é mulher ou é importante votar nesta mulher porque ela é Hillary Clinton? Defensores do primeiro argumento apontam para um cená-

## Albright disse que havia um lugar no inferno para mulheres que não se ajudam umas às outras

rio lamentável na política norte-americana, onde mulheres representam apenas 14% dos ocupantes do atual Congresso, fora o detalhe de que lá se vão 227 anos de democracia sem uma só mulher na presidência.

A progressista e Sanderista atriz Susan Sarandon declarou: “Não voto com minha vagina.” Mas os que denunciam

sexismo e pressão politicamente correta não raro são os que cobram de Hillary Clinton o que não cobriam de Bernie Sanders. “Ela fala alto,” reclamam. Bernie pode gritar à vontade nos comícios.

A discussão colocou em relevo um racha de gerações que pegou Hillary de surpresa. E, como notória disciplinada que é, quando saíram os números de primeira derrota na primária de New Hampshire – 82% das mulheres com menos de 30 anos votaram em Bernie – Hillary atacou o problema de frente, se dirigindo às mulheres jovens que a rejeitam.

Um artigo recente de capa da revista New York, trata das mulheres solteiras que, pela primeira vez na história, são maioria entre as mulheres norte-americanas. É um bloco eleitoral poderoso, mal explorado por republicanos e democratas, que gosta da simplicidade da mensagem de Bernie – universidade grátis, benefícios trabalhistas, pacifismo.

A semana passada ilustrou a importância da presença da mulher no cen-

tro do poder. Um importante caso de aborto chegou à Suprema Corte, recém-desfalcada de um de seus nove juizes, com a morte do conservador Antonin Scalia. As três juízas atualmente na Corte assumiram o controle dos argumentos orais a favor da manutenção da legalização do aborto, no primeiro caso em que a presença de mulheres reequilibrou forças. Até 1981, quando Ronald Reagan nomeou Sandra Day O'Connor, não havia mulheres na Suprema Corte.

Mesmo se o preparo de Hillary Clinton contrasta com o lamentável campo republicano e suas discussões sobre a genitália, o fator mulher não pode ser negado como um compasso. Ainda que incompetência e despreparo não sejam monopólio de um sexo – pausa para os sofridos leitores suspirarem – é legítimo eleitores decidirem que chegou a hora de uma mulher ocupar a Casa Branca.

## Visuais

Jamil Chade  
CORRESPONDENTE / ZURIQUE

«Gadji beri bimba glandridi». Em 1916, na cidade velha de Zurique, Hugo Ball subiria em um pequeno palco para declamar um poema fonético. O êxtase místico denunciava o mundo sob a Primeira Guerra Mundial e contaminou a plateia do pequeno Cabaret Voltaire. Estava começando o movimento artístico Dada, subversivo e antiburguês, alimentado pelo absurdo da guerra e por artistas refugiados.

Zurique havia se transformado em um porto seguro para dezenas de exilados de toda a Europa que, diante de mais de 3 milhões de mortos apenas nos dois primeiros anos da Guerra, haviam encontrado refúgio na Suíça neutra.

Cem anos depois, a cidade de Zurique recria a vida desse movimento, numa homenagem a artistas que desafiaram o nacionalismo europeu. Mas também num recado que hoje ecoa com uma força incômoda num continente desafiado pela imigração, com governos que fecham suas fronteiras e ondas de xenofobia contra estrangeiros.

Durante o ano de 2016, exposições, conferências e debates serão organizados na cidade, num paradoxo que não deixou de chamar a atenção: o movimento anti-instituição é agora recuperado e promovido pela própria elite cultural do governo suíço. “Isso cria evidentemente uma certa tensão”, admitiu Stefan Zweifel, um dos comissários das exposições.

Se uma mostra no Museu Nacional até o final deste mês é considerada como o principal evento do ano, com 150 objetos e fruto de seis anos de pesquisas, é nas ruas e locais por onde passaram os dadaístas que as comemorações ganham vida.

A primeira etapa obrigatória do tour é a imponente estação central de trem de Zurique. A



Cabaré Voltaire. Berço do dadaísmo, em 1916

## Um roteiro subversivo

Para comemorar um século do movimento Dada, Zurique restaura os locais por onde os artistas passaram e dá recado aos grupos políticos atuais que rejeitam os refugiados

partir de 1915, uma leva de refugiados começou a desembarcar no local, fugindo da guerra na Alemanha, Áustria ou Romênia. Muitos eram trabalhadores, intelectuais, cientistas, poetas e artistas. Todos, como no caso da crise de refugiados de hoje, buscando sobreviver.

Entre esses exilados estavam os artistas alemães Emmy Hennings e seu marido, Hugo Ball. Pela mesma estação passaram

Tristan Tzara, Marcel Janco, Hans Arp e Richard Huelsenbeck. Por meses, esses artistas tentaram ganhar a vida cantando em cabarés, mudando de casa com frequência diante da falta de dinheiro. “Era uma vida muito precária”, observa a historiadora Catherine Hug e curadora do Kunsthaus de Zurique.

Para tentar sair da instabilidade, Ball convenceu um bar no centro da cidade a emprestar a

ele um salão. A promessa era de que aumentaria a venda de cervejas com noites regadas a música. O local ganhou o nome de Cabaret Voltaire, uma tentativa de evitar uma germanização excessiva do local. Historiadores contam que o cabaré não começou imediatamente com seu tom revolucionário. Ball precisava se manter e, com sua mulher como a cantora e estrela do local, competia com ou-

tros cabarés da rua.

Mas, gradativamente, o tom subversivo ganhou vida, principalmente com o retorno de jovens que haviam estado na guerra e o cinismo diante da versão oficial dos governos sobre a defesa dos países. A 50 metros dali, vivia ainda Lenin, outro exilado e que, de seu apartamento na mesma rua, planejava a revolução russa. Não existem registros, porém,

se Lenin frequentou o bar.

O Cabaret, hoje restaurado e que faz parte do tour, sobreviveu por apenas cinco meses. Em junho de 1916, fechou suas portas. Um dos motivos foi a falta de capacidade dos intelectuais em fechar as contas a cada noite. O local e berço do movimento, na rua Spiegelgasse, passou décadas esquecido.

Mas, em 2001, quando o prédio foi comprado por uma seguradora, jovens ativistas iniciaram uma batalha para recuperar o Cabaret. Uma ocupação do local reacendeu os espíritos e, numa votação popular em 2008, os cidadãos de Zurique disseram “sim” para que a prefeitura destinasse dinheiro público ao cabaré.

Hoje, o lugar que foi subversivo tem seu aluguel e manutenção pagos pelo estado, num valor de US\$ 500 mil por ano. A cidade se justifica: “O movimento Dada é a herança cultural de Zurique mais importante do ponto de vista internacional desde a Reforma na Igreja”.

Se o Voltaire fechou em junho de 1916, o movimento continuou por Zurique. Na Zunftstaus zur Waag foi realizado o primeiro evento Dada naquele ano fora do Cabaret. Já o Café Terrasse passou a ser o local preferido dos artistas para saber as últimas notícias da guerra. Mas, depois que optaram por apoiar uma greve dos garçons do local, foram obrigados a se mudar para o Café Odeon.

O tour termina na imponente Saal zur Kaufleuten. Foi ali que, em 9 de abril de 1919, o movimento deu adeus a Zurique, em sua última noite de eventos. “1,5 mil pessoas, que haviam atingido um estado de ebulição, lotavam o auditório”, escreveu Tristan Tzara sobre aquela despedida. Com o fim da guerra, muitos dos artistas voltaram a seus locais de origem, enquanto outros levaram o movimento para Paris, Berlim e Nova Iorque.

## \* ANÁLISE: Antônio Gonçalves Filho

## Da irreverência ácida ao conformismo da arte domesticada

Entre todos os movimentos artísticos do século 20, o único que definitivamente não acabou foi o dadaísmo, reciclado de tempos em tempos com outros nomes. Um século depois de oficialmente criado em Zurique, Suíça, o dadaísmo mostra sua ressonância em obras do inglês Damien Hirst e dos norte-americanos Bruce Nauman e Jeff Koons, para ficar apenas em três exemplos de artistas vivos – em mais de um sentido. Embora nenhum deles possa ser comparado a Marcel Duchamp, Kurt Schwitters, Francis Picabia ou Hans Arp, é preciso admitir que são descendentes do Dada, o grupo que, entre 1917 e 1920, atraiu criadores como Max Ernst e Georg Grosz, dois dos artistas mais conhecidos entre os

que confrontaram a sociedade da época com discursos hostis às convenções.

Único movimento batizado por artistas, que buscaram a palavra “dada” num dicionário de francês, o dadaísmo expandiu as fronteiras da arte, tornando-se internacional após provocar escândalos públicos com exposições proibidas pelas autoridades. Dele nasceram outros movimentos importantes, como o surrealismo, e manifestações artísticas derivadas das primeiras experiências no Cabaret Voltaire, misto de clube noturno e centro de arte em que se reuniam poetas (Tristan Tzara), escultores (Hans Arp), pintores (Marcel Janco) e autores com formação psicanalítica (Richard Huelsenbeck). A performance, por exemplo, nasceu ali, ainda que de forma precária.

Entre expressões contemporâneas como a action painting, o happening, a arte conceitual e a instalação, todas tiveram origem no histórico cabaré suíço, onde refugiados se encontravam para condenar o espírito bélico dominante na época do primeiro

grande conflito mundial. Antinacionalistas, os dadaístas condenavam os massacres, que diziam ser frutos da corrupção do sistema e ganância dos governos, considerados por eles incapazes de criar as condições para reconstruir a Europa em outras bases, menos políticas. Eles criticavam, inclusive, os expressionistas, que viam como escapistas fugindo do presente para se refugiar no passado – no gótico alemão, por exemplo.

Contra a ordem estabelecida, os rebeldes dadaístas tanto deram respostas políticas ao caos social europeu dos anos de guerra – como Georg Grosz, que satirizou militares e fez do nazismo uma caricatura – como estéticas, lembrando que Max Ernst, um dos primeiros surrealistas, revolucionou a pintura com imagens justapostas, líricas. Duchamp tomou outro rumo, mais cínico, contestando o estatuto da obra de arte ao inscrever um urinol (batizado de *A Fonte*) numa exposição de arte.

Os dadaístas buscavam dar uma resposta ao mundo confuso em que viviam no come-

ço do século passado. Os artistas pós-modernos, ao contrário, se mostram conformistas. Damien Hirst e Jeff Koons nem pensam em contestar as regras do mercado que favoreceram a ascensão dos dois. Num mundo multifacetado, fragmentado, em que a globalização mais afasta do que agrega, a arte pós-dadaísta não se recolheu a um cabaré suíço para refletir sobre o estado das coisas, sobre o fim das fronteiras que, paradoxalmente, acabou por fazer ressurgir o nacionalismo. É possível dizer que o declínio do dadaísmo tenha começado quando os exilados saíram da Suíça e retornaram ao território alemão, constatando que a sua, afinal, não era a antiarte burguesa por eles sonhada, mas uma arte domesticada, cujo espírito irreverente foi massacrado, obrigando-nos a pensar nas palavras do poeta, filósofo e performer Hugo Ball, autor do Manifesto Dadaísta e fundador do Cabaret Voltaire: “A Suíça, na época dos dadaístas, era uma gaiola cercada por leões”. O passarinho, desnecessário dizer, acabou devorado.